



# A CARIOCA ESQUIMO

A FANTÁSTICA HISTÓRIA DA FOTÓGRAFA  
LUCIANA WHITAKER, QUE TROCOU O RIO  
PELO ALASCA E ACABOU VIVENDO UM  
GRANDE AMOR, CERCADO DE AVENTURAS

| POR PRISCILA TANURE | FOTOS LUCIANA WHITAKER |



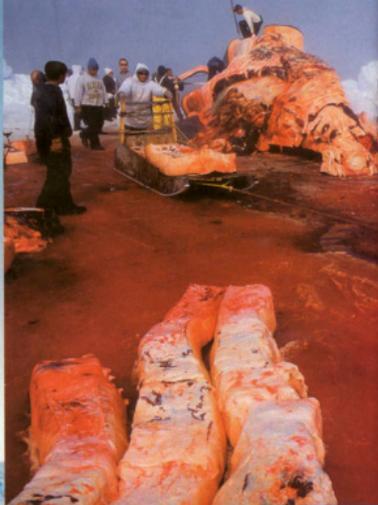
A história da fotógrafa Luciana Whitaker poderia perfeitamente ser um roteiro de Hollywood. Em abril de 1996, aos 31 anos, essa carioca deu um passo que seria o primeiro de uma grande aventura que mudaria para sempre a sua vida. A época, ela era solteira, morava com os pais no Rio e trabalhava na mesma empresa havia oito anos. Dinheiro não era problema. Além disso, tinha 43 dias de férias para tirar e uma enorme curiosidade de conhecer novos lugares, pessoas, culturas. A soma de todos esses fatores levariam a jovem fotógrafa a arrumar as malas e se mandar para o Alasca, numa viagem que, inicialmente, duraria apenas alguns dias. O que ela não poderia jamais imaginar era que essa temporada acabaria se transformando em 11 anos. Sim, Luciana acabou vivendo num dos pontos mais ao norte do planeta.

E mais: casou-se com um americano que cresceu naquela região gelida e inhospita e teve dois filhos com ele. No meio disso tudo, muitas histórias, muitas histórias, algumas delas relatadas no livro *11 Anos no Alasca* (160 páginas, R\$ 49,90), que a fotógrafa está lançando no Brasil. Um relato repleto de aventuras e emoções, vividas num dos pedaços mais isolados e fascinantes da Terra. >>>

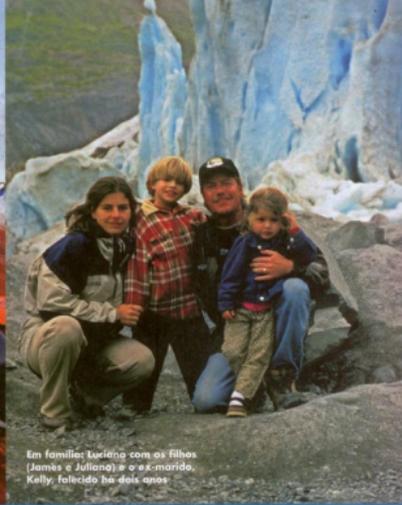




Escalador: numa certa manhã, um amigo de Luciana esculpiu degraus num bloco de gelo



Mar vermelha: após uma longa caçada, o sangue da baleia cobre o gelo



Em família: Luciana com os filhos (James e Juliana) e o marido, Kelly, falecido há dois anos

## NO INVERNO, O SOL FICA DOIS MESES SEM DAR AS CARAS. E A TEMPERATURA CHEGA AOS 50 GRAUS NEGATIVOS

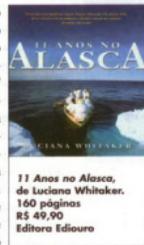
Fisicamente, o que mais chama a atenção em Luciana Whitaker são os olhos puxadinhos, que inspiraram o apelido de infância dado pelo pai. “Desde pequena ele me chama de esquimó. Muito antes de eu pensar em conhecer o Alasca”, lembra. O cabelo castanho é curto e prático. As mãos, sem anéis ou esmalte, não param quietas. Nada de adornos ou roupas chamativas. A bela carioca de 43 anos é simples e adora mostrar os 1001 souvenirs que trouxe da época em que morava na minúscula cidade de Barrow, de 4500 habitantes, encravada no norte do estado americano do Alasca, o mais setentrional do país. Em seu apartamento no Rio de Janeiro – onde mora atualmente –, ela mantém um enorme tapete de pele de urso pendurado na parede. Mais uma lembrança da vida no Alasca. Dos tempos em que largou o trabalho de fotografia na sucursal carioca do jornal *Folha de S.Paulo* para viver naquelas terras geladas.

Sentada num sofá, ao lado de uma estante com inusitadas miniaturas de barcos forrados com pele de foca e com barbatana de baleia, Luciana fala, saudosamente, de Kelly – seu grande amor, que conheceu no Alasca e já falecido –, dos filhos que teve com ele – James, 10 anos, e Juliana, 8 –, das enteadas Aidrianna Joy, 22, e Nicole, 18, e do tempo em que morou no

hemisfério norte. “Foi tudo muito rápido. Cheguei ao Alasca em abril de 1996. No segundo dia, conheci o Kelly e achei que ele era gatinho”, conta. “Mas não imaginava que a história fosse render. Tanto que voltei para o Rio sem ter dado um único beijo nele.” Mas o rapaz parecia decidido. Kelly passou a escrever cartas para Luciana, e telefonava, convidando-a para ir viver com ele. E quando a fotografia argumentava, dizendo que no Alasca ela não teria onde trabalhar, ele respondia: “Não tem problema. Você fica em casa, fotografia a vida na região, cuida dos filhos”. A insistência deu resultado. Dois meses depois de chegar ao Rio, Luciana refaz as malas e voltou de vez para o Alasca, para morar com Kelly. “Era o início de uma vida nova”, diz.

### Cidadã do mundo

Luciana sempre gostou de viajar pelo mundo. Tanto que, antes de se aventurar pelo Alasca, ela já tinha tido outra experiência no exterior. Logo após se formar pela PUC-RJ, em comunicação visual, em 1986, Luciana foi para Nova York estudar fotografia e ajudar a irmã que morava lá. Com o curso na bagagem



11 Anos no Alasca, de Luciana Whitaker. 160 páginas R\$ 49,90 Editora Ediouro

e algumas fotos publicadas num jornal local, ela não demorou a arrumar emprego na volta para casa. Mas o Alasca foi, indiscutivelmente, a grande aventura da sua vida – pessoal e profissional. Ali, ela aprendeu a cultura do povo local, acompanhando emocionantes caçadas a baleia – fonte de alimento para os moradores da região –, viveu um grande amor e teve dois filhos. “As mães esquimós trabalham fora de casa, sempre em escritórios, em cargos administrativos. Profissões como advogadas ou arquitetas não existem por lá”, conta. Talvez tenha sido esse um dos motivos que fizeram de Luciana a fotógrafa oficial da cidade. Ela era sempre contratada para fazer fotos em casamentos e festas, e até mesmo para fotografias de documentos e passaportes. Os

jornais *Daily News* e *Anchorage Daily News* viraram seus clientes, assim como algumas revistas brasileiras, constantemente pedindo fotos dos baleeiros durante a temporada de caça e de tudo mais relacionado à cultura esquimó.

Diferentemente da vida que levava no Brasil – onde morava com os pais e os problemas domésticos nunca ultrapassavam a porta do seu quarto –, no Alasca, além de ter de se adaptar ao

Moradores de Barrow, numa caminhada sobre o gelo e sob o vento gelido do Alasca



Maxilares de baleira enfeitam o iglu erguidos às margens de uma praia congelada



Num barco de madeira forrado com pele de foca, pescadores saem em busca de baleias

frio e às tradições locais, Luciana virou mãe de duas crianças. Mas a vida em família não dava tanto trabalho. “O Kelly fazia as compras, cozinhava e lavava roupa. A AJ (Aidrianna Joy) lavava a louça, e eu ficava com a arrumação da casa.” James e Juliana – os filhos do casal – foram matriculados em uma escola bilingüe, e até hoje falam palavras da língua esquimó (veja no quadro à direita). O interior da casa era aquecido e, tirando uma ou outra chateação – como os canos que insistiam em congelar –, a vida da família caminhava sem percalços. Uma das coisas que mais incomodavam Luciana era o frio inclemente. No inverno, os termômetros despencavam para até 50 graus abaixo de zero. Sem falar nos meses de escuridão

## A CARNE DE BALEIA É UM DOS PRATOS PRINCIPAIS DA GASTRONOMIA ESQUIMÓ. LUCIANA E OS FILHOS ADORAM

total a cada ano – de novembro a janeiro –, quando o sol nem dá as caras e os dias se confundem com as noites. E ainda há aqueles dias de claridade sem fim, nos quais gelo, neve e céu são praticamente da mesma cor.

### Baleia no prato

No verão, um dos programas preferidos da família era passear no barco de Kelly. Também adoravam percorrer as praias congeladas a bordo de um triciclo. Nos meses de frio, o jeito era ficar dentro de casa ou, no máximo, ir ao clube, para brincar nas quadras internas. No cardápio da casa, comidas típicas da região, como o uunaaliq: carne, pele e gordura de baleia, fervedas assim que o animal é caçado e distribuído entre os participantes da caça para aquecê-los. Até hoje, sempre que volta ao Alasca – atualmente ela mora no Rio, com os dois filhos –, Luciana traz carne de baleia para as crianças. “O James adora. Sempre tenho no freezer uma carne de baleia. É o que aquece a gente no inverno de Barrow”, conta. “Aprendi, na marra, que não basta peles e casacos. A carne é uma delícia. É o quitute mais famoso dos esquimós.” Aparentemente, a única tristeza que a vida no Alasca deixou

na alma de Luciana foi a morte de Kelly – assunto sobre o qual ela evita falar. Da paixão que mudou para sempre sua vida, restam apenas lembranças, sentimentos, histórias e, claro, muitas fotos. Em 2005, quando ela e Kelly resolveram trocar Barrow pelo Rio de Janeiro, o casal já estava separado. Eles haviam decidido que Luciana ficaria com os dois filhos no Rio e que Kelly se dividiria entre a cidade – onde moraria em outro apartamento – e Seattle, nos Estados Unidos. “Seis meses após nossa volta ao Brasil (março de 2006), o Kelly se foi. Ele era muito romântico, cozinhava para mim, trazia flores”, lamenta. Para matar a saudade – de Kelly e do Alasca –, Luciana já está de viagem marcada para as terras geladas. No mês que vem, ela e os filhos deixarão o apartamento na Góvea para uma temporada de férias em Barrow. “Quero reencontrar os amigos e levar os meninos pra ficar um pouco com a nossa família de lá”, conta a fotógrafa. A idéia inicial é passar um mês e meio no Alasca. Se bem que, em se tratando de Luciana, nunca se sabe. **D**

Que tal seguir o exemplo de Luciana e se aventurar pelo Alasca? Veja as dicas de pacotes turísticos para a região, no Pool, na página 18.

### ESQUIMOSÊS

ALGUMAS PALAVRAS DO IDIOMA IÑUPIAK, FALADO POR POVOS DO ALASCA, E SEU SIGNIFICADO:

Aaqa: mãe ou avó

Aqviq: baleia

Aqavutit: sentense

Atchuu: não sei

Awu: açúcar

Iglu: fasso é fácil qualquer casa, feita de gelo.

madeira, terra, alvenaria

Iñupiat: povo de verdade

Kamik: botas de pele

Kumak: inseto

Naatshirungna: acabei

Nanuaq: urso polar

Qain: venha

Quyanaaq: obrigado

Quyanaqak: muito obrigado

Suna unaq?: o que é isso?

Umiak: barco a remo, feito de madeira e com

casco forrado de pele de foca

